

NO BATUQUE DAS ÁGUAS DO CAXAMBU: EXTENSÃO EM DIÁLOGO

Camila de Figueiredo Pinto¹

Patrícia Ferreira de Souza Lima²

Resumo: O projeto de extensão "No Batuque das Águas do Caxambu" do Cefet/RJ UnEd Petrópolis se renova pelo sexto ano consecutivo em 2022, promovendo oficinas comunitárias, cursos de educação ambiental e mesas redondas temáticas, que visam a sensibilização, a formação e a mobilização em diálogo permanente pela História Pública junto a grupos sociais e comunidades em Petrópolis/RJ, pela vulnerabilidade social ou por ter a memória coletiva abafada pela identidade da cidade imperial, como a população negra, para estarem aptos a reconhecerem e valorizarem o patrimônio cultural destas minorias, através de ações participativas e inclusivas que possibilitam a gestão do meio ambiente pela diversidade, contribuindo para ampliar a noção de conservação ambiental e o exercício pleno da cidadania.

Palavras-chave: educação ambiental; gestão participativa; história pública.

INTRODUÇÃO

O projeto de extensão "No Batuque das Águas do Caxambu" se renova pelo sexto ano, em 2022, no Cefet/RJ. Idealizado para atender uma demanda de considerar memórias sensíveis, como as da escravidão ou dos remanescentes quilombolas, e incluir pontos representativos ausentes em roteiros turísticos da cidade. O contexto histórico do tombamento patrimonial urbano-paisagístico do Centro de Petrópolis justifica a proposta motivadora do projeto para a cidade serrana fluminense, repercutindo na formação de toda a equipe envolvida, atualizada a cada ano letivo. Da Cidade Imperial, por título, cabe desenvolver o turismo regional, extensivo além da memória do europeu monarquista católico e branco.

O turismo em si é dinâmico, passando frequentemente por processo de transformação, por ser um fenômeno social, educacional, político, cultural, ambiental

¹ Graduanda em Turismo no CEFET/RJ UnEd Petrópolis. Bolsista do projeto de extensão "No Batuque das Águas do Caxambu: gestão participativa em Petrópolis/RJ", camila.figueiredo@aluno.cefet-rj.br.

² Doutora em História Social pela UFRJ (2006), professora do curso de Bacharelado em Turismo no Cefet/RJ UnEd Petrópolis desde 2015, coordenadora do projeto de extensão "No Batuque das Águas do Caxambu: gestão participativa em Petrópolis/RJ"; patricia.lima@cefet-rj.br

e econômico. Para melhor valorizá-lo, direcioná-lo e implantá-lo como uma atividade de caráter socioeconômica e cultural com vistas à minimização de impactos negativos e otimização de relações e resultados positivos, a participação e o apoio da comunidade residente são práticas necessárias para preservação histórico-cultural-ambiental. Pressupõe-se que quanto maior a integração da comunidade, maior será a sua capacidade de colaboração entre os atores sociais envolvidos. Se quem mora não se reconhece no patrimônio tombado oficialmente pelo IPHAN, precisamos repensar esta prática ou os próprios roteiros.

O residente faz parte da dinâmica local, de forma a promover um turismo com atrativos peculiares da região que valorizam a cultura local, os aspectos de caráter histórico-cultural, o próprio residente e a dinamização da economia local. Por outro lado, a matriz contemporânea de interação dialógica na extensão orienta para o desenvolvimento de relações entre a comunidade acadêmica e setores sociais através de ações que provocam o diálogo e troca de saberes. Propomos produzir em interação com a sociedade para conhecimento dinâmico que supere a desigualdade e promova inclusão social, e para a construção de uma sociedade justa, ética e democrática.

Para quando se realiza capacitação em educação ambiental ou elaboração de planos de interpretação patrimonial, os resultados são condicionados às contrapartidas entre as partes, para que não se comprometa com resultados que dependem de conjunturas relacionadas à própria comunidade. A educação ambiental crítica (ICMBio, 2016), com caráter interdisciplinar, formal e não formal, com visão complexa, levando em consideração aspectos biológicos, físicos, sociais, econômicos e culturais, mais do que difundir o conhecimento sobre funcionamento dos sistemas ecológicos, deve contribuir para mudança de valores e atitudes na sociedade, nunca desvinculando os aspectos ambientais dos sociais e culturais.

Para ampliar o contexto apresentado, além, Petrópolis está localizada com amplos limites de unidades de conservação federais ou estaduais, que se constituem de um mosaico de ambientes definidos por distintas formas de uso e ocupação do solo, dentre as problemáticas ambientais, destacam-se a vulnerabilidade a movimentos de massa e a degradação dos recursos hídricos. Alguns núcleos vulneráveis estão situados em locais de valor histórico e beleza cênica, então as potencialidades ambientais são justamente o ecoturismo e o turismo rural, que devem

ser explorados. Se não nos aproximamos dos residentes destas áreas, pouco lhes fica de atuação efetiva no receptivo.

O Turismo de Base Comunitária, de acordo com Mielke (2009), apresenta-se marcado pela intenção de preparar, capacitar e promover a participação efetiva da população local, para que não haja segregação, desprestígio ou exclusão dos ganhos advindos da prática turística ofereça serviços inclusivos e libertários, além do enfoque na reinserção desses na economia local. Do desenvolvimento do Turismo local, resgata-se a relação habitante-visitante como essência, então, este projeto persegue a discussão das anomalias e o entendimento dessas contradições. Um sistema de cooperação e sinergia entre os atores sociais é incentivado através de ações essencialmente educativas e com a participação efetiva de todos.

Além das ações para capacitação pela valorização e preservação dos bens patrimoniais culturais materiais e imateriais, o projeto de extensão “No Batuque das Águas do Caxambu” se insere na agenda ODS2030, perseguindo educação de qualidade para todos em cidades sustentáveis (IPEA, 2018). Devemos zelar por cidades e comunidades sustentáveis, inclusivas, seguras e resilientes através da capacidade interinstitucional para o planejamento e a gestão participativa ao fortalecer esforços para proteger e salvaguardar o patrimônio cultural e natural. Há perspectiva de empoderar os residentes, que passam a integrar o sistema mercadológico com consciência e criticidade, não mais alienados quanto a migração temporária ou sazonal. Em paralelo, devido ao histórico de desastres de inundações e deslocamentos de massa da região serrana que afetam sensivelmente a atividade turística local, deve-se diminuir as perdas econômicas diretas causadas, com o foco em proteger as pessoas em situação de vulnerabilidade.

As ações que vêm sendo desenvolvidas pelo projeto, interligadas aos temas acima, geram reflexão e propostas de novas formas de exercermos a gestão participativa na cidade serrana fluminense. Elas visam, no geral, promover a sensibilização, formação e mobilização de professores, alunos do ensino básico e superior, e demais representantes das comunidades em Petrópolis/RJ, aptos a desenvolver processos comunicativos e educativos junto aos grupos sociais a que pertencem e se relacionam, de valorização e preservação do patrimônio cultural em amplo sentido, assim como de gestão do meio ambiente em sua biodiversidade, com vistas à participação protagonista na cidade, na perspectiva de educação crítica,

contribuindo para a conservação ambiental, o exercício da cidadania e a qualidade de vida de todos envolvidos, através de curso formativo para docentes, roteiros históricos guiados para jovens e agentes multiplicadores no Centro Histórico e ações isoladas comunitárias nos bairros do Caxambu, Morin e Itamarati, vizinhas do Parque Nacional da Serra dos Órgãos.

Embora de forma pontual, também procura-se desenvolver a capacidade de detectar, descrever e analisar problemas, conflitos e potencialidades patrimoniais e ambientais, com compreensão do processo histórico da região dos conflitos territoriais oriundos de disputa pela terra ao desvelar as questões de imigração relacionadas ao local, ao levantar as toponímias do local, bem como sua evolução e a motivação para os nomes ou entender os usos dos recursos naturais no local, sobretudo, a questão da água. Possibilita-se com rodas de conversa e postagens nas mídias sociais de História Pública, que o público atendido pelas ações extensionistas propostas se sensibilize pela preservação do Patrimônio Cultural, valorizando a dinâmica da prática turística local, e torne-se apto a acompanhar e intervir em processos participativos da gestão ambiental pública, com consciência e percepção de risco, para atuar como coadjuvante no planejamento da redução de riscos e desastres da comunidade, por exemplo. E tudo começou pela simples proposta de sensibilizar e capacitar a comunidade para o Turismo de Base Comunitária ao esclarecer as potencialidades turísticas do local, como atividades relacionadas ao ecoturismo e às questões de patrimônio cultural em amplo sentido.

Este artigo se propõe a co-memorar, lembrar aos que já participaram do projeto, aos bolsistas e voluntários nestes seis anos de projeto, de 2017 a 2022, que por mais que não se vejam conexão e mudanças no paradigma turístico dentro da chave de leitura de Petrópolis, como a cidade imperial por título e prática, as reflexões suscitadas, as pesquisas e interpretações sobre o patrimônio urbano da cidade, constrói sua identidade. A cada ano, os projetos de extensão precisam ser submetidos a um edital, concorrer por opção a uma bolsa de extensão para alunos de graduação do Turismo da unidade de ensino descentralizada em Petrópolis, nos quais nos inscrevemos sempre como “No Batuque das Águas do Caxambu”, agregado a um subtítulo que ilustra o foco de atenção das ações extensionistas propostas para aquele determinado ano.

Além de explicar ano a ano as atividades desenvolvidas na seção de Metodologia - tais como rodas de conversa, mesas redondas, cursos, oficinas de mapeamento participativo e publicações em mídias sociais que publicizam a história local-, desenvolve-se a seguir, considerações sobre as referências de autores que perpassaram em todas as reavaliações do projeto, a começar pelo acima citado Turismo de Base Comunitária, que nos inspirou desde o início, justamente por conta da preocupação em desenvolver o turismo local preocupado e focado na integração dos moradores locais, especialmente dos grupos que constituem a memória da cidade, como os agricultores familiares rurais ou os três grupos de imigrantes. Assim, como a História Pública, e a formação de Rede entre os moradores para ações de redução de risco de desastre. Estas referências embasam academicamente as ações descritas abaixo, e contabilizam um saldo positivo em termos de impacto do projeto na comunidade, pela mobilização de atores como guias turísticos e, especialmente, os alunos da graduação em Gestão de Turismo envolvidos, que relatam terem aproveitado a oportunidade de elaborar suas próprias pesquisas e propostas de intervenção. Em seis anos de projeto, mais de mil pessoas estiveram presentes nas atividades, mesmo durante o período de isolamento social pela pandemia do Sars-Cov-19, quando precisamos nos reinventar e termos novas parcerias.

REFERENCIAL TEÓRICO

Pela natureza da prática extensionista universitária, definida pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras:

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade. (FORPROEX, 2012)

A elaboração de ações extensionistas do projeto No Batuque das Águas do Caxambu, têm a intenção de estabelecer um processo no qual aconteça simultaneamente a formação de professores, alunos e representantes de comunidades, enquanto geram conhecimento em termos de pesquisa de bens patrimoniais culturais tombados formalmente, ou apenas representativos para seus

moradores locais, assim como dados e estatísticas de políticas e boas práticas para a redução de risco de desastres, e também informações preciosas a elaboração de inovadores e provocativos roteiros turísticos que promovam alteridade àqueles petropolitanos que se sensibilizarão à preservar seus monumentos e pontos históricos. Atuamos ancorados pelas cinco diretrizes que devem orientar a formulação e implementação das ações de Extensão Universitária: interação dialógica, interdisciplinaridade e interprofissionalidade, indissociabilidade ensino – pesquisa – extensão, impacto na formação do estudante, impacto na transformação social. Por si, explicam os eventos e cursos que serão apresentados em Metodologia, próxima seção deste artigo.

Embora a extensão já pressuponha diálogo entre a universidade e a comunidade do entorno, o projeto “No Batuque das Águas do Caxambu”, por seu objetivo de gerar gestão participativa do território, vai além e se debruça com admiração na perspectiva freiriana de olhar o mundo de forma libertária, que gera autonomia:

(...) educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem – por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais. (FREIRE, 1983, p. 15)

Paulo Freire (1983) nos deixa clara a mensagem em “Extensão ou Comunicação?!”, de que não deve haver transferência mecânica de saberes entre a academia e a comunidade. Ambos sabem, ambos compartilham saberes, há um diálogo mútuo, horizontal, entre uns e outros. Assim, praticamos nestes seis anos, muita escuta e aprendizado a cada comunidade que estudávamos e a cada postagem nas mídias sociais das quais tivemos interação com o público.

Ressaltando este entendimento da extensão, pela revisão da literatura acadêmica de seis anos de projeto de extensão, nosso campo de ação é para mostrar que a História é pública, como em Mauad (2016) no sentido que deve ser construída com as comunidades, a partir da leitura de patrimônio deles, e, ao mesmo tempo publicizada, contada e apresentada para amplo público e não apenas para acadêmicos, pesquisadores afins. A História Pública é uma plataforma de vivências em diálogo, que conjuga conhecimento e prática, pois é um campo de saber, mas

também conjuga metodologia ativa correspondente. Ao colaborar para a reflexão da comunidade sobre sua própria história, sobre a relação entre passado e presente viva na vida urbana, privilegia-se uma compreensão atenta às mudanças, tensões e continuidades nos processos sociais, que valorize a organização e mediação de conhecimentos locais ao estimular a consciência histórica para um público amplo, não acadêmico.

Tem-se na filosofia da História que o presente e o futuro são campos de ação orientados pelo passado enquanto experiência, como argumentado pelo historiador Jörn Rüsen (2009). E para o autor, o sentido de orientação na mudança do tempo é inerente ao ser humano, o que quer dizer que qualquer indivíduo produz ou elabora reflexões que constroem história, que são capazes de ler e produzir sentido no tempo vivenciado. Além de Rüsen (2009), trazemos também Michael Frisch (2016), cuja “autoridade compartilhada” entre historiadores e indivíduos da sociedade produzem juntos um saber-cidade, responsável em identificar e mapear as relações de saber e poder presentes na construção de análises sobre o passado, presente e futuro da cidade.

Os saberes vindos da comunidade atendida também são considerados por outros pesquisadores de História Pública, buscando-se não estabelecer a superioridade do saber científico em relação aos dos sujeitos atendidos, cujas memórias e interpretações do patrimônio cultural destas coletividades devem se inscrever no horizonte de uma história pública, pretendida pela proposta do projeto de extensão, objeto e motivo deste artigo. Embora o clímax do processo seja a interação com o público alvo e, assim, a extensão dos saberes construídos para além da comunidade acadêmica, o ensino e a pesquisa dão suporte à ação extensionista, enquanto também se beneficiam dela.

Portanto, o foco para a pesquisa e investigação que resultam em ações de extensão são retroalimentados, ao mesmo tempo em que geram experiências e significados, mobilizam para a construção novas investigações e conhecimentos em favor das comunidades vulneráveis envolvidas, construindo novos lugares de memória que fixam a memória coletiva na cidade. Isto faz com que o desenvolvimento turístico regional avance pela componente da diversidade (HAYLLAR, 2011).

Goodey (2002) e Costa (2009) ressaltam convergindo entre si, para que sobre o patrimônio cultural sempre recaia um olhar múltiplo, sendo habilidade essencial que

muitos precisam reaprender, não só historiadores, mas especialmente turismólogos para novos referenciais e roteiros turísticos que proporcionem aos visitantes alteridade, mas diálogo com suas próprias memórias de viajante. Mesmo para a questão da dissonância entre turistas e moradores, vemos positivamente a diversidade distensionando este relacionamento.

A ideia de patrimônio fundamenta-se nesse passado presente em nosso dia-a-dia e é assim que ela é percebida pelo homem. Essa é a visão pública de passado originário e importante que tomamos na radicalidade de nossa construção identitária e identificamos como nosso patrimônio. (MENESES, 2018, p. 23)

Os moradores de Petrópolis necessitam de acolhimento e compartilhamento de memórias, participando da construção de interpretações, da valorização e da divulgação dos patrimônios culturais naturais ou imateriais, de forma que o turismólogo se fortaleça como profissional. Neste contexto, a experiência de extensão para sensibilização e mobilização das comunidades, indicado pelo Ministério do Turismo (2019), do entorno contribui para a formação profissional do aluno, uma vez que o coloca frente a questões teóricas e práticas no exercício da cidadania (WERNECK, 2004). Como acontece, na prática, veremos na seção seguinte.

METODOLOGIA

Este projeto de extensão, cujo foco é a partilha de saberes construídos no ambiente acadêmico com as comunidades de cidade serrana fluminense, busca a associação com as dimensões de ensino e pesquisa. A dimensão do ensino está presente durante todo o processo: na seleção dos bolsistas, que cursaram ou estão cursando as disciplinas relacionadas ao tema, tais como Turismo Regional, Patrimônio Cultural, Cartografia e Meio Ambiente e Turismo, cujos conteúdos são reelaborados no âmbito das especificidades do projeto; na perspectiva formadora dos alunos bolsistas que têm a oportunidade de exercitá-los e aplicá-los nas ações extensionistas; e quanto às coordenadoras que levam para a sala de aula suas experiências no projeto, enriquecendo seu próprio processo formativo e o dos outros discentes, não diretamente participantes do projeto. E toda experiência gera artigos

como este. Vamos aos passos em que tudo isto acontece, traduzidos em ações extensionistas, sempre oferecidas à comunidade interna e externa à instituição proponente.

Na primeira inscrição de “No Batuque nas Águas do Caxambu”, no ano letivo de 2017, elegemos a comunidade de agricultura familiar do Caxambu, especificamente a que denominam de Santa Isabel, por algumas razões: destaca-se como potencial território para experimentação do Turismo de Base Comunitária (Sebrae, 2014), pela beleza cênica em área de proteção ambiental, incrustada no Parque Nacional da Serra dos Órgãos, festejando anualmente com trajes típicos e culinária portuguesas em duas ocasiões, procissão de flores no dia de Santa Isabel e celebração das festas julinas de meio de ano, não socialmente mapeadas ainda. Escolhido nosso território, ele empresta nome ao projeto, pois caxambu é o nome de instrumento de religião de matriz afro com o mesmo contorno da imponente montanha do Cobiçado, presente na paisagem. Além, tem relação com a água, e nos interessa desde sempre investigar a relação da cidade com os corpos hídricos (COMITÊ PIABANHA, 2019, p. 43 e p. 75), formado pelas cadeias de montanhas, e a típica ocupação nos vales, como acontece no Caxambu. O bairro ainda representa grande parte da captação de água de abastecimento do Centro da cidade, pela expressiva produção de água, aproveitada desde o início do processo de urbanização.

Neste ano de 2017, começamos timidamente com oficina de cartografia social comunitária, no Caxambu, que consistia em mapeamento participativo e entrevistas semi-estruturadas pelos moradores. Oficinas com a metodologia da palavra viva e da árvore patrimonial foram realizadas com as turmas da escola municipal local Abelardo De Lamare, do 1º ao 9º ano. Acompanhamos as reuniões da Associação Rural e nos aproximamos do posto de saúde da família para parcerias. Os dados das entrevistas da cartografia social e das oficinas na escola foram publicados em congressos de pesquisa e extensão (LIMA, 2018), e ainda embasam ações futuras da equipe.

Em 2018, oferecemos um curso de Educação Ambiental no Caxambu para jovens da escola Abelardo Delamare, em parceria com a equipe de educação do Parnaso, realizado com trilhas interpretativas na região, oficinas patrimoniais, ações de aproximação com ensino médio no Cefet/RJ para aqueles do 9º ano. Este curso acontece em resposta à segunda oficina comunitária de 2017, na qual tivemos expressiva presença jovem, ao contrário da primeira que realizamos. Apenas seis

jovens terminaram todo o processo, o que não deixamos de valorizar termos levado turmas inteiras nas trilhas interpretativas.

Em paralelo, um projeto de pesquisa com outro bolsista, acompanhava entrevistas a moradores do Caxambu, além de pesquisa em arquivos sobre história da comunidade. Participamos da Festa de Santa Isabel dos imigrantes portugueses, anotando diversos pontos integrados à vida cultural da comunidade. As atividades de extensão propostas são, então, orientadas pela pesquisa realizada no âmbito do próprio projeto, por natureza do Turismo de Base Comunitária não se limitando a considerar apenas os saberes construídos na perspectiva acadêmica.

Neste ano, fomos convidados a integrar a primeira fase de diagnóstico, mapeamento patrimonial participativo e elaboração de roteiro de visitas, da oficina de formação de Turismo de Base Comunitária no Quilombo da Tapera, proposto pela APA Petrópolis (OHANA, 2019). Aqui, abre-se outro leque de atuação do projeto de extensão, em diálogo com o histórico do Quilombo pesquisado por Paola Dias (2016): o desafio de valorizar a memória negra, não apenas a histórica com relação à escravidão, em Petrópolis/RJ.

Nesse sentido, a recuperação dos lugares de memória e consciência, como espaços de educação não formal, tem um papel ímpar na construção de uma sociedade democrática que respeite e promova os direitos humanos. Esses lugares denunciam violência e o horror, mas também promovem a resistência em suas múltiplas versões. (QUADRAT, 2018, p. 220)

Com a renovação do projeto, em 2019, iniciamos três rodas de conversa e uma oficina para alunos sobre questões raciais no Cefet/RJ, proativamente idealizadas e coordenadas pela bolsista de extensão. Ainda continuamos a integrar novas comunidades no entorno do Parnaso ao realizar trilha interpretativa na sede do Parnaso em Teresópolis com escolas municipais de Petrópolis dos bairros Caxambu e Morin, em parceria com o parque e a APA Petrópolis, num total de 50 alunos nesta atividade. No final do ano, estávamos num compasso envolvente com o “Seminário de Desastres: memória que previne”, em dia inteiro de palestras e mesas redondas, além de oficina de maquete de relevo. Envolvemos a prefeitura municipal, o ministério público, universidades locais de arquitetura e engenharia, e Defesa Civil, além da presença de moradores e pesquisadores locais.

Concomitante, coordenamos outro projeto de extensão, o “Cefet/RJ recebe Cine Pagu”, que consistiu em seções mensais de curtas ou documentários brasileiros, seguidos de acalorados debates de temas como gênero e discriminações sociais em geral, ou como repressão, educação, assistência. Houve resistência e elaboração de novas memórias urbana coletivas a partir de falas bem expressivas. Nestas seções, tivemos a maioria com lotação do salão de ocupação máxima de 60 participantes, algumas mais, outras menos, mas sempre bastante concorridas.

Começamos 2020 com muitos planos e acolhendo logo em fevereiro, uma Roda de Mulheres liderada pelo Nudec Vale do Cuiabá. Não estivemos no Caxambu durante a pandemia, apenas acompanhando de longe. Contudo, organizamos uma live e um questionário sobre Lazer e Natureza Pós-Pandemia, em parceria com o projeto de extensão Expedições Cefet/RJ e com o Parnaso (PESSOA, 2020^a – 377 visualizações), além de estarmos na coordenação do Encontro de Pesquisa no final do ano, e apresentando trabalho (PESSOA, 2020b – 67 visualizações).

Para os projetos de extensão e pesquisa, tivemos museus e arquivos fechados por longos períodos, pois seguiam os protocolos sanitários de isolamento social na pandemia. Contudo, nada impossibilitou de conseguirmos adaptar o cronograma e todo planejamento. Estivemos longe é de estarmos presencialmente nas comunidades ou com eles em ações. Virtualmente, decidimos em equipe pesquisar informações sobre o Museu Stefan Zweig, que geraram duas mesas redondas com o tema da intolerância da segunda guerra numa cidade de imigrantes italianos e alemães, e um paralelo entre o isolamento social da pandemia de Sars-Cov-19 e as vivências destes contemporâneos, como a Anne Frank. Esta última, a com mais participantes, com média de 20 a 30 pessoas estiveram no aplicativo Google Meet.

Ainda, coordenamos a integração de guerreiros projetos de extensão em duas mesas temáticas, uma sobre Acessibilidade em Museus, outra sobre Diversidade no Turismo. Temos com os autores Jörn Rüsen e Michel Frisch, nesta autoridade compartilhada e na história que se quer pública, elementos que nos trazem ao projeto “No Batuque das Águas do Caxambu” uma sensibilidade que a cada ação cria oportunidade de repensar e construir uma diferente cidade patrimoniada em Petrópolis. Os eventos e as produções de postagens nas mídias sociais do projeto, criadas neste momento por necessidade de readaptação ao isolamento social,

especialmente publicadas no perfil do Instagram, contam por si um pouco mais sobre este desafio de se reinventar³, pelas respostas e comentários dos 376 seguidores.

A dimensão da pesquisa, guardadas as peculiaridades da pesquisa formal, está presente principalmente na etapa de preparação das oficinas e rodas de conversa, que inclui o levantamento de informações e planejamento coletivo. Assim, os bolsistas são estimulados a elaborar hipóteses, desenvolver atitude investigativa, o espírito crítico e o gosto pela pesquisa. Como em 2021, ano em que a bolsista do projeto junto a duas voluntárias e duas bolsistas de pesquisa, Dark Tourism e Afro Turismo, investigando seriamente em cima do histórico imperial da cidade e sua memória negra abafada para elaboração de roteiros turísticos.

Voltamos aos congressos, de forma virtual, com apresentação sobre este tema que nos rendeu eventos em três dos seis anos de projeto (THOMAZI, 2021). Avante, procuramos a oportunidade de abordar sobre a exclusão de áreas periféricas da cidade na história da trajetória desta urbe que comemorou exatos 180 anos em 2022. Todos podem acompanhar esta experiência de integração do ensino/pesquisa como prática social pelo mapeamento de patrimônios no bairro Morin.

Como a extensão se dá em parceria sempre, mais um evento recuperava nosso principal objetivo, intitulado “Desastres na Região Serrana: comunicação para prevenção”. Em decorrência desta mesa redonda, em janeiro de 2022, fizemos uma chamada ampla na região serrana para formação de uma Rede de técnicos que atuem em frentes de educação ou pesquisa em redução de risco de desastre pelo território da região serrana, especialmente Petrópolis, Teresópolis e Nova Friburgo. Coletivamente, formulamos a denominação de Rede Ser.ra, mas em fevereiro e março de 2022, quando terminávamos o ano letivo, dois eventos de chuvas extremas atingiram o primeiro distrito de Petrópolis, atropelando a constituição das primeiras ações pela região. Contudo, impulsionada pela inscrição de 210 membros (setembro-2022), acompanhamos 11 comunidades da cidade, numa integração de saberes técnicos e locais, enquanto rompimento de paradigma socio-estrutural. Neste campo de ações em parcerias, e em ações sobre o rio Quitandinha, que passa em frente ao edifício do Cefet/RJ UnEd Petrópolis, continuamos a desenvolver ações.

³ Podem ser acessadas no link: <https://linktr.ee/AguasdoCaxambu>

Comemoramos os cinco anos anteriores do projeto de extensão, com amigos, em live no canal “Sala Verde que te Quero Verde” (TJADER, 2022 – 79 visualizações), a despeito do longo período de restrição de veiculação das ações por conta das eleições em curso.

RESULTADOS PRÁTICOS E DISCUSSÕES TEÓRICAS

O projeto, a partir dos primeiros elementos, contribui para capacitar professores e alunos como mediadores e multiplicadores para a prática de um turismo diverso em Petrópolis/RJ, seja de experiência ou cultural, através do compartilhamento de memórias em respeito dos moradores e interesse dos visitantes, participando de forma ativa da elaboração e consolidação de interpretações, valorização e divulgação desta memória reiteradamente construída socialmente, com a finalidade de uma história pública. As ações extensionistas propostas, voltadas a diversos agentes sociais, àqueles que se envolvem, participam, frequentaram os eventos, têm o objetivo de propiciar o desenvolvimento social e regional e de aprimorar as políticas públicas de preservação de bens culturais, mesmo em tempos restritos de atividades em ambientes virtuais. A cada ação do projeto, pretendeu-se intensificar estas interações sociais que, ao longo das atividades, vêm se demonstrando a principal via de interpretação e de construção de significados sobre as memórias sensíveis da história de Petrópolis/RJ.

Há, então, que sempre se considerar na interação com a sociedade, prioritariamente a abordagem de questões sobre as quais atuar de acordo com demanda destes atores, e não nossas acadêmicas, com respeito à complexidade e diversidade da realidade social local. O que importa ao fim e ao cabo, é que a interação com a sociedade vem sendo construída, respeitando os princípios de interpretação do patrimônio cultural material e imaterial levantados a partir da constituição da memória social que privilegiam relações dialógicas, estímulo à participação e à reflexão. Espaços públicos de memória, como os eventos acadêmicos e comunitários apresentados acima, estimulam todos nós ao compartilhamento espontâneo de histórias “[...] rumo a um terreno público verdadeiramente inclusivo, contestado, aberto e dialógico [...]” (FRISCH, 2016, p. 61).

Através das atividades junto às comunidades, o interesse pela elaboração de um plano mais consolidado de Turismo de Base Comunitária não apenas vem aumentando, mas também se diversificando nas ramificações de gestão e marketing, trazendo desafios e contribuições diversas para este projeto de extensão em relação ao ano passado. O impacto e transformação social estão previstos pela atuação sensível às particularidades e sensibilizadora, transformadora e multiplicadora da capacitação de professores municipais para a identificação e gestão do Patrimônio Cultural local, o que está em curso, este item sim atropelado pela situação da pandemia prolongada e um retorno ao presencial de muito custo por parte de todos.

Acreditamos que os lugares de memória e consciência são espaços carregados de simbolismos, que exercem uma ponte entre o passado, o presente e o que queremos para o futuro. Não por acaso, muitos jovens que os visitam fazem ligações com suas experiências atuais de racismo, da violência das forças de segurança, com a exclusão social, etc. São locais em que a história pública caminha juntamente com a pedagogia da memória, ou seja, a forma como podemos construir coletivamente o conhecimento do passado através de novas subjetividades e de múltiplas e diferentes narrativas sobre a experiência do horror. (QUADRAT, 2018, p. 220)

A experiência que adquirimos nos ensinou que o Caxambu apresenta uma natural gestão participativa com líderes natos identificados neste tripé da comunidade (escola do campo municipal, posto de saúde da família e associação de moradores), então o que nos coube nos primeiros anos de projeto de extensão foi a observação participativa das reuniões comunitárias e a confiança conquistada para uma entrada mais efetiva na elaboração de memórias por parte da comunidade. Para o Turismo de Base Comunitária, precisa-se ter como alicerce que um dos pilares do sucesso reside justamente no período de envolvimento com as comunidades. E vale muito mais a pena focar o trabalho inicial na identificação de gargalos e necessidades do que em promessas de quanto cada família da comunidade irá receber a mais pelo suposto aumento do turismo em uma região (MIELKE, 2009, p. 51). Este é outro ponto, apontado por antecedência pelo Mielke (2009): muitos dos resultados esperados devem estar condicionados ao estabelecimento das contrapartidas entre as partes. Isso deve ser feito tanto para não gerar expectativas demais, mas também para que a equipe executora ou a consultoria não se comprometa em apresentar resultados que dependem de fatores conjunturais relacionados à própria comunidade. A interpretação do patrimônio não se dá fora da interação com a sociedade.

O que estão denominando de Turismo Regenerativo, conceito ainda em desenvolvimento dentro da área, parece-nos apropriado como ganho teórico para o “No Batuque das Águas do Caxambu”. Delineia-se que este tipo de Turismo não se detém nas questões de sustentabilidade, mas exalta o bem estar do turista com ele e com a releitura dos espaços visitados. Tem-se hoje que a sustentabilidade prioriza a preservação dos elementos de um ecossistema e a regeneração auxilia na melhoria desses elementos. O visitante se beneficia de uma experiência diferente, conectando-se com roteiros excêntricos para ele e para a comunidade local, a cidade e os sistemas que sustentam a vida, alinhando todos ao ritmo da natureza, como os rios de Petrópolis. O que é priorizado no turismo regenerativo é a integração de todos os envolvidos com o objetivo de construir a capacidade dos sistemas socioambientais para obter um crescimento saudável a longo prazo.

No âmbito da formação profissional em nível superior, graduandos participantes do projeto têm a oportunidade de desenvolver o olhar sensível e reflexivo no contato de autoridade compartilhada não só com o público visitante, mas especialmente com as comunidades em vulnerabilidade expostas à prática desregrada de Turismo, nada conscientes da valorização de seu patrimônio cultural ambiental. Cabe pensar comunidade com a educadora bell hooks: “Começar por sempre pensar no amor como uma ação, em vez de um sentimento, é uma forma de fazer com que qualquer um que use a palavra dessa maneira automaticamente assumam responsabilidade e comprometimento” (HOOKS, 2021, p. 11).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos que o conjunto de ações propostas seja suficiente para oferecer contribuições relevantes para a transformação da gestão do patrimônio cultural municipal, especialmente aquele visitado ou em potencial para o Turismo local, como o das comunidades rurais, integrando as comunidades periféricas na História da cidade de título imperial, recuperando os pensamentos de Maricato (2011) em não nos limitarmos ao Centro Histórico, mas incluímos com igual atenção os grupos sociais pelo poder público colocados à margem deste perímetro, mas que, ao mesmo tempo, é o que mais circulam nestes espaços. Cabe reforçar que estamos, em 2022,

retomando os contatos com as comunidades do entorno do Parnaso, e efetivamente praticando ações pelo patrimônio ambiental e cultural do Centro Histórico. Com isto, pretende-se sensibilizar a própria comunidade cefetiana no sentido da indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão.

REFERÊNCIAS

COMITÊ PIABANHA. **Atlas da Região Hidrográfica IV: Piabanha**. Petrópolis/RJ: Comitê Piabanha, 2019.

COSTA, Flávia Roberta. **Turismo e Patrimônio Cultural: interpretação e qualificação**. São Paulo: Senac São Paulo: Edições SESC SP, 2009.

DIAS, Paola Vanessa Gonçalves. **Do Apagamento à Fala Pública: a Memória Negra em Petrópolis a partir da Trajetória do Quilombo da Tapera**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNiRio, 2016.

FORPROEX. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Gráfica da UFRGS. Porto Alegre, RS, 2012 (Coleção Extensão Universitária; v. 7).

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FRISCH, Michael. A história pública não é uma via de mão única ou De A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa. In: MAUAD, Ana Maria, ALMEIDA, Juniele Rabêlo de e SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.). **História pública no Brasil – sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

GOODEY, Brian. Olhar múltiplo na interpretação de lugares. In: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina. **Interpretar o patrimônio, um exercício do olhar**. Belo Horizonte: UFMG – Território Brasilis, 2002.

HAYLLAR, Bruce et all. **Turismo em cidades: espaços urbanos, lugares turísticos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

HOOKS, Bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Elefante, 2021.

ICMBio. **Educação ambiental em unidades de conservação para ações voltadas a comunidades escolares no contexto da gestão pública da biodiversidade**. Brasília: ICMBio e WWF – Brasil, 2016.

IPEA. **Agenda 2030: ODS – metas nacionais dos objetivos de desenvolvimento sustentável**. Brasília: IPEA, 2018.

LIMA, Patrícia F. de S. e ROCHA, A. Sobre desenvolvimento de Turismo de Base Comunitária em Petrópolis/RJ: projeto de extensão no Caxambú e no Quilombo da Tapera. **Anais do 12º Fórum Internacional de Turismo do Iguaçu**. 20 a 22 de junho de 2018. Foz do Iguaçu – Paraná – Brasil. Disponível em: <https://festivaldascataratas.com/forum-turismo/anais/2018/desenvolvimento-local-regional/sobre-desenvolvimento-de-turismo-de-base-comunitaria-em-petropolis-rj.pdf> Acesso em: 12/10/2022.

MARICATO, Ermínia. “As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias”. In: ARANTES, Otilia (ORG.) **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

MAUAD, Ana Maria e ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. (org.) **História pública no Brasil: sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

MENESES, José Newton C. O patrimônio e a compreensão do passado: experiência intelectual e diálogo público. In: **História Pública em Debate: patrimônio, educação e mediações do passado**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

MIELKE, Eduardo Jorge Costa. **Desenvolvimento turístico de base comunitária**. Campinas/SP: Alínea, 2009.

MILITO, Marcelo; SILVA, Victor Hugo e NÓBREGA, Wilker. Dissonância do turismo: por um (des)encontro habitante-visitante. **Caderno Virtual de Turismo**, 2019, 19(3).

MTur. Ministério do Turismo. **Regionalização: sensibilização e mobilização**. Brasília, c. 2019. Disponível em <http://regionalizacao.turismo.gov.br/images/mtur-cartilha-promocional-final.pdf> [cartilha] Acesso em: 10/10/2022

MURTA, Stela Maria e ALBANO, Celina (orgs) **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: UFMG, Território Brasilis, 2002.

OHANA, Beatriz (produção). TBC no Quilombo da Tapera - Memórias Vivas e Diálogos de Saberes. 2019. **Canal Beatriz Ohana**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=raFIZq1Xuw8> Acessado em: 12/10/2022.

PESSOA, Fernando (org). Valorização da Natureza para lazer pós-pandemia (mesa redonda). **Canal Expedições Cefet/RJ**, 2020a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IWv3azcm-gY> Acesso em: 12/10/2022.

PESSOA, Fernando (org). Encontro Saúde Ambiental e Conservação da Biodiversidade - Valorização da Natureza Pós-Pandemia. **Canal Expedições Cefet/RJ**, 2020b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pkmQFFR2E4Q> Acesso em: 12/10/2022.

QUADRAT, Samantha V. É possível uma história pública dos temas sensíveis no Brasil? In: **Que história pública queremos?** São Paulo: Letra e Voz, 2018.

RÜSEN, J. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 2, n. 2, p. 163–209, 2009.

SEBRAE. **Conhecendo as comunidades dos caminhos da Serra do Mar: diagnóstico turístico das comunidades de Caxambu e Bonfim.** Petrópolis: ICMBio, 2014.

TJADER, Beatriz (mediadora) No Batuque Das Águas Do Caxambu: Diálogo Na Extensão. **Canal Sala Verde Que Te Quero Verde**, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YXVTDu5OiZU> Acesso em: 12/10/2022.

THOMAZI, Nicolly B. e LIMA, Patrícia F. de S. Lima. Revitalizar a memória negra em Petrópolis/RJ e Salvador/BA pelo Turismo. **Anais do 15º Fórum Internacional de Turismo do Iguaçu.** Foz do Iguaçu, 01 a 03 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.sisapeventos.com.br/deangeli/wiew/inscription/submission/files/4/484-2189-7.pdf> Acesso em: 12/10/2022.

WERNECK, Nísia Maria Duarte e José Bernardo Toro A. **Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.